*Produções multicódigos e o conceito de signo genuíno em Peirce**

Francisco José Paoliello Pimenta

A questão que se coloca neste trabalho envolve uma aparente limitação das produções multicódigos em termos de sua efetividade, tendo em vista o conceito de signo genuíno, tal como o definiu o lógico Charles Sanders Peirce. Observa-se, por um lado, que o desenvolvimento da eletrônica tem proporcionado à esfera da Comunicação o contínuo aperfeiçoamento de meios e processos de forma a ampliar a capacidade dos processos sígnicos, tanto no sentido de reproduzir qualidades, quanto no de estabelecer conexões existenciais com seus objetos. Atualmente, a hipermídia é o melhor exemplo desse contato ampliado entre signo e objeto. Contudo, Peirce defende que tais relações podem gerar semioses "degeneradas", e, daí, não constituírem o caminho mais adequado para que seus produtores consigam, efetivamente, atuar sobre hábitos mentais de seus receptores e, eventualmente, até alterá-los.

Este problema, de fundo teórico, será tratado aqui já dentro dos esforços que começo a empreender na esfera de um projeto de pós-doutorado, que visa pesquisar possíveis relações entre a utilização de suportes hipermídia como instrumentos de estímulo à participação política direta de âmbito global e a formação de hábitos de conduta ligados à democracia participativa e ao novo universalismo. Entre as referências bibliográficas aqui utilizadas destaco, além dos Collected Papers de Peirce, o artigo The Degenerate Sign, de Hanna Buczynska-Garewicz.

1. Os processos multicódigos e os signos degenerados

Uma das principais características dos processos sígnicos contemporâneos, em todas as suas instâncias, incluindo aí as trocas relacionadas à vida cotidiana, é a crescente interferência de meios técnicos com o objetivo de facilitar ou acelerar a comunicação. Isto não ocorre apenas na escala humana, pois os próprios meios técnicos vêm estabelecendo, entre si, trocas cada vez mais rápidas e complexas. Em todos estes casos, contudo, os processos sígnicos acumulam, ao máximo, características daquilo que representam, e ainda buscam estabelecer relações existenciais que reforcem as relações com seus objetos, no limite do possível. Nas diversas transições históricas, do artesanal ao computadorizado, estas semioses vão adquirindo, no caso da imagem, formas, cores, movimentos e outras qualidades de seus objetos, e no caso dos sons, sua altura, intensidade, duração e timbres, às vezes traduzidos em ritmos, o que conduz tais processos a estabelecer crescentes relações de interatividade.

Semioses nas quais o signo reproduz qualidades e estabelece relações com seus objetos nos aparecem como ideais para a comunicação, marcadamente nos atuais meios multicódigos, como a hipermídia, ao tornarem mais fácil a aquisição de informações, em função da presença ampliada do objeto no interior do signo. Interpretantes assim formados têm um fundamento muito mais forte na realidade a ser representada. No jornalismo impresso, basta comparar um jornal da década de 1950, praticamente sem diagramação, com pouquíssimas fotos, e sem cores, com as publicações contemporâneas. No jornalismo televisivo, passamos de um teatro ou rádio filmado para uma profusão de produções com uma ampla gama de sons, imagens e interatividade. A Internet e sua linguagem hipermídia ampliam ainda mais estas possibilidades.

Entretanto, alguns destes processos constituem aquilo que Peirce denomina semioses degeneradas e, como tais, segundo ele, não são as mais adequadas para atuar de forma efetiva sobre o pensamento do intérprete, seus hábitos e crenças. Dentre as três categorias, somente a terceira, marcada por generalizações abstratas, acolhe os processos genuínos. Diz Peirce: "O mundo dos fatos contém somente aquilo que é, e não tudo aquilo que é possível de qualquer descrição. Daí, ele não pode conter uma tríade genuína. Mas, embora não possa conter a tríade genuína, o mundo dos fatos pode ser governado por tríades genuínas" (Peirce, 1: 478).

Esta postura decorre da filiação de Peirce ao idealismo semiótico, ou seja, à tendência filosófica que privilegia processos significativos abstratos e gerais em detrimento daqueles de caráter concreto. Como poderíamos conciliar, assim, a valorização que os atuais meios de comunicação conferem aos signos que se aproximam ao máximo de seus objetos e tal conceito de signo genuíno como algo abstrato, único a gerar significações autênticas, aptas a interferir com nossos hábitos mentais, ou seja, algo altamente desejável no atual ativismo global?

2. Primeiridade, secundidade e degenerescência

A primeiridade e a secundidade não implicam necessariamente em degenerescências. Ao contrário, constituem o fundamento de qualquer tríade verdadeira. Diz Peirce:

> Terceiridade, na verdade, envolve Secundidade e Primeiridade, num certo sentido. Isto quer dizer que se você tem uma idéia de Terceiridade você deve ter tido as idéias de Secundidade e de Primeiridade para desenvolvê-la. Mas o que é necessário para a idéia de uma Terceiridade genuína é uma Secundidade sólida e independente e não uma Secundidade que é um mero corolário de uma Terceiridade inconcebível e infundada; e uma observação semelhante deve ser feita em relação à Primeiridade (Peirce, 5:91).

As categorias mais fundamentais têm, assim, não só sua relevância, como mantêm uma autonomia frente à terceiridade que as determina. O que seria, entretanto, tal "secundidade sólida e independente" frente a uma secundidade como "mero corolário"? Sabemos que tal categoria de fenômenos se caracteriza pela concretude e, daí, pela radical autonomia frente ao que pensemos sobre eles. Daí, a comunicação ter esta esfera dos acontecimentos como algo que lhe é bastante caro, como uma garantia de objetividade. Porém, há uma secundidade genuína e uma secundidade degenerada, e saber distinguir uma da outra implica em podermos construir tríades autênticas, com toda a efetividade semiótica que lhes é característica.

Em vista da lógica numérica que preside as categorias, a primeiridade não tem como se degenerar, uma vez que não há categoria inferior, enquanto a secundidade tem uma situação de degenerescência. Esta se dá quando um de seus dois elementos pertence ao par somente por um aspecto. Daí, um gênero caracterizado por reação, e determinado por tal marca essencial, se dividirá em duas espécies, uma na qual a secundidade é forte, a outra fraca. A espécie na qual é forte, por sua vez, se subdivirá em duas que serão relacionadas de modo similar. No caso da espécie fraca, não haverá qualquer subdivisão correspondente. O exemplo é de Peirce:

> "Por exemplo, Reação Psicológica se divide em Disposição, onde a Secundidade é forte, e Sensação, onde é fraca; e Disposição se subdivide novamente em Disposição Ativa e Disposição Restrita. Esta última dicotomia não tem nada correspondente na Sensação"(Peirce, 5:69).

Isto pode ser aplicado a uma situação na qual um manifesto relativo à globalização, por exemplo, seja tomado como um signo por um receptor, gerando uma reação. Caso tenha características genuínas, uma "secundidade sólida e independente" da qual nos fala Peirce, o signo manifesto estará numa rede de relações entre entidades atuando físicamente umas contra as outras, ou seja, estará na esfera própria das ações brutas, e servirá como um substituto do objeto que visa representar. De outra forma, o manifesto não se relacionará com a situação à qual se refere com a força necessária para gerar no intérprete mais do que uma mera sensação, e, assim, não poderá gerar novas dicotomias e o processo tenderá a se degenerar.

Os atuais suportes hipermídia poderão garantir esta inserção da semiose nos processos brutos de ação e reação, na medida em que estabeleçam conexões existenciais genuínas com os processos dinâmicos que visam representar, a partir de seu caráter multicódigos. De fato, a contínua sofisticação dos suportes amplia a inserção do signo na complexa rede de ações e reações e pode constituir um fundamento importante para a geração de tríades genuínas, plenas de efetividade semiótica. A interatividade em tempo real, associada às linguagens multicódigos, pode permitir que um site ligado ao ativismo global, por exemplo, amplie drasticamente a participação de militantes afastados geograficamente em uma mobilização.

3. As tríades degeneradas

No rumo às semioses genuínas, contudo, será preciso superar, ainda, dois outros tipos de processos degenerados, já na esfera da terceiridade, um de caráter monádico e outro diádico. O fato da cor laranja ser intermediária entre o vermelho e o amarelo é um exemplo de tríade monadicamente degenerada, ou seja, de uma conexão completamente incidental de três elementos quaisquer, carentes de sentido geral ou persistência. Para Peirce, esta ocorrência praticamente vai contra a própria idéia de signo, pois não implica em regularidade. Portanto, não é relevante para a comunicação. Já as tríades diadicamente degeneradas se apresentam em três relações: signo/objeto; objeto/mente interpretante e signo/mente interpretante.

3.1. A tríade degenerada e a esfera do signo

No primeiro destes domínios, só há relação genuína no caso do Símbolo, pois tanto no caso na díada genuína, o Índice, quando da díada degenerada, o Ícone, há degenerescência da tríade. No caso do Índice, é preciso frisar, em primeiro lugar, que ele tem relações com o seu objeto independentemente do fato de ser ou não interpretado como signo. Segundo Peirce,

> Índices podem ser distinguidos de outros signos ou representações por três marcas características: primeiro, eles não têm nenhuma semelhança significativa com seus objetos; segundo, eles se referem a individuais, unidades singulares, coleções singulares de unidades ou contínuos singulares; terceiro, eles dirigem a atenção a seus objetos por compulsão cega (Peirce, 2:306).

Ou seja, Índices constituem díadas auto-subsistentes e não o efeito de uma interpretação. Este fato, contudo, não diminui sua relevância nos processos de comunicação. O que ocorre, neste caso, é a formação de tríades que não são as genuínas, mas que associadas a elas lhes conferem sua necessária ancoragem existencial. Ou seja, para que tríades genuínas sejam operativas na realidade física elas têm de ganhar exis-

tência, por meio de réplicas degeneradas e de outros processos sígnicos a elas associados, e, para isso, exigem Índices.

Num processo de comunicação tal como um site da Internet voltado para o ativismo global, por exemplo, relações degeneradas entre signo e objeto, na forma de Índices, são fundamentais para que se despertem os sentidos do receptor, o próprio processo perceptivo, ações e pensamentos. Ou seja, são os Índices que mantêm as conexões físicas com o Objeto Dinâmico ao qual se refere o site, conduzindo o receptor aos Interpretantes.

Ainda nas relações diádicas signo/objeto, existe o caso do Ícone. Segundo Peirce,

> Um Ícone puro é independente de qualquer propósito. Ele serve como signo somente e simplesmente por exibir a qualidade da qual ele se utiliza para significar. A relação com seu objeto é uma relação degenerada. Ele não afirma nada. Se conduz informação, é somente no sentido no qual pode ser dito que o objeto que ele costuma representar conduz informação. Um Ícone só pode ser um fragmento de um signo mais completo (MS, 517).

Assim, o mesmo raciocínio adotado com o Índice se aplica ao Ícone, ou seja, a mera possibilidade de um signo vir a compartilhar qualidades com seu objeto não conduz, por si só, à significação, porém tal relação, quando estabelecida, é fundamental para as tríades genuínas. Ou seja, Ícones são a forma mais básica de ancoragem destas tríades na realidade existencial. Aí, eles, naturalmente, deixam de ser meras possibilidades de ocorrência e passam a ter o caráter de Hipoícones, ou seja, de signos existentes marcados pela semelhança com o objeto.

Um site multicódigos sobre o ativismo global, por exemplo, pode construir semelhanças com o que ele busca representar, seja um vago sentimento de insatisfação com o sistema financeiro internacional, uma demonstração de rua ou mesmo um sofisticado conceito de fundo filosófico relativo à globalização. A semelhança pode se dar por diferentes articulações. O sentimento de insatisfação pode vir em um fundo sonoro qualitativamente desagradável, associado a um signo do sistema financeiro; a demonstração de rua pode ser representada por sons e imagens gravadas, cuja semelhança deriva de seu registro físico; e, finalmente, o conceito

pode aparecer em um texto numa diagramação que o qualifique frente a outros conceitos, por exemplo, como mais relevante. Em todos estes casos, o signo está degenerado, pois se aproxima de seu objeto por compartilhar, com ele, qualidades.

3.2. A tríade degenerada e a esfera do Objeto

Outros casos de degenerescência nascem da relação diádica entre o objeto, tal como é representado pelo signo, e a mente interpretadora. Quando o signo se relaciona com o objeto apenas no sentido de poderem vir a compartilhar alguma qualidade, é chamado Rema. Quando é um signo de existência concreta, em relação ao Interpretante, é chamado Dicente. Naturalmente, as díadas degeneradas anteriores se relacionam com esta última na medida em que também se situam nas esferas da primeiridade e da secundidade.

Assim, a idéia de degenerescência nos mostra que os processos sígnicos precisam se ancorar na realidade existente, que não só fundamenta suas relações com o objeto, mas também lhe fornece as condições existenciais de se poder chegar às interpretações. Daí a importância de tal esfera nos diversos processos comunicacionais, principalmente na medida em que lidam com representações da realidade, seja com fins artísticos, jornalísticos, políticos, etc. Em todos estes casos, estamos sempre envolvidos com Índices, relações icônicas, Remas e Dicentes, e tais relações só tendem a se disseminar com o desenvolvimento tecnológico e sua contínua invenção de suportes e códigos, que apelam cada vez mais para percepções sinestésicas, abrangendo não só palavras, mas imagens, sons, tatilidade e interatividade.

3.3. A tríade degenerada e a esfera dos Interpretantes

Um último caso de tríades degeneradas ocorre, segundo Peirce, nas relações díadicas entre signo e mente interpretadora. Aí se colocam os dois Interpretantes não genuínos, ou seja, o Dinâmico e o Emocional, casos em que a semiose não gera pensamentos e sim ações ou experiências, ou somente meras qualidades de sentimento. Nestes processos, as tríades genuínas cedem espaço para efeitos externos produzidos pelo signo sobre o intérprete. Como nas situ-

ações de degenerescência do Índice e do Ícone, e do Dicente e do Rema, estes Interpretantes são aqueles que, de fato, são operantes na esfera da existência.

No caso do site citado acima, tais efeitos externos do signo sobre o receptor não só são desejáveis como imprescindíveis para que a interpretação ocorra. A partir das relações signo/objeto degeneradas por meio de Índices e Ícones, tais como as já descritas, o intérprete pode se conectar com o site e interagir com pessoas, instituições e até mesmo diretamente com eventos que estejam ocorrendo ao redor do globo, inclusive em tempo real. Tais processos sígnicos podem gerar no receptor vagos sentimentos que podem ser associados à exclusão social ou o pertencer a um grupo, caso do Interpretante Emocional. Ou então, gerar efeitos de caráter existencial, como seria o caso do intérprete tomar conhecimento de uma nova opinião sobre a dívida dos países pobres, ou ser convencido a tomar uma posição mais ativa sobre isso a partir de um grupo de discussão, ou, ainda, ser levado a uma sensação de impotência frente à magnitude do problema. Em todos estes casos, estaríamos diante do Interpretante Dinâmico.

4. Os processos genuínos

Entretanto, quando o processo comunicacional pretende modificar crenças, hábitos do pensamento e comportamentos, como é o caso de sites dos ativistas globais, é necessário deixar a esfera dos signos degenerados e partir para os processos triádicos genuínos. Já vimos que o Índice e o Ícone, degenerados na relação entre signo e objeto, carecem da generalidade exigida para a significação, condição que só é preenchida pelo Símbolo. Se Índices e Ícones têm algum significado, isso só ocorre por sua articulação com processos nos quais existam Símbolos. Já que semioses sempre se dão a partir de ocorrências individuais, os Símbolos funcionam como regras gerais ou leis que governam o modo como Ícones e Índices operam. Assim, embora o significado tenha a natureza de uma lei, o Símbolo deve denotar um individual e dar significado a um caráter. O exemplo, nas duas instâncias, é de Peirce:

> Um homem andando com uma criança aponta seu braço para cima e diz: 'Lá está um balão'. O braço que aponta é parte essencial do Símbolo, sem o qual este último não conduziria informação. Mas se a criança perguntar, 'O que é um balão?', e o homem responder 'É algo parecido com uma grande bolha de sabão', ele torna a imagem parte do Símbolo (Peirce, 2:293).

Além disso, num processo genuíno, a tríade não se degenera na relação diádica entre o objeto, tal como o signo o representa, e a mente interpretante, seja como Dicente ou Rema, porque o objeto também é da natureza de um pensamento, ou seja, tem caráter sígnico e se constitui como Argumento. Já em relação aos Interpretantes, o único genuíno é o Lógico, ou Final, o qual, em lugar das ações ou experiências, do Dinâmico, e das meras qualidades de sentimento, do Imediato, também é de natureza sígnica. Sua origem deve ser, como vimos, um signo também necessariamente genuíno, ou seja, um Símbolo, que vai gerar um efeito da mesma natureza e, por ser assim, é o único capaz de alterar crenças ou hábitos do pensamento.

Portanto, a tríade genuína implica no signo ser um Símbolo, o objeto ser também de natureza sígnica, como um Argumento, e o Interpretante tem de ser Lógico. Ou seja, num site sobre ativismo global, os aspectos multimídia só poderão contribuir para mudanças de crenças e hábitos mentais na medida em que conseguirem atingir esta condição de signos convencionais e compartilhados. O verbal já é caracteristicamente convencional, porém as imagens e sons e, mais importante, o hibridismo entre todos estes códigos não pode ficar apenas no nível empírico, mas deve significar no seu sentido mais estrito, ou seja, representar o objeto por convenção. Como se daria, contudo, este processo?

Este é, portanto, um dos pontos principais da pesquisa que venho desenvolvendo e para o qual não tenho, ainda, respostas prontas. Será necessário aliar os esforços das investigações bibliográficas com aquelas de campo, no sentido de se obter dados novos que tragam avanços sobre o tema. A partir deste trabalho, contudo, alterou-se a compreensão do problema apontado no início. Na realidade, não há contradição entre os impactos da linguagem hipermídia e o signo genuíno.

Embora estes desenvolvimentos possam, à primeira vista, ter relações com processos degenerados, tendo em vista sua aproximação com o objeto em termos empíricos, os novos suportes também parecem permitir a construção de tríades genuínas.

Nota

* Comunicação apresentada no XXV Congresso da Intercom (Salvador - Bahia), em 2002.

Referências bibliográficas

BUCZYNSKA-GAREWICZ, Hanna (1971). The Degenerate Sign. In: Semiosis, 13. Stuttgart.

PEIRCE, Charles Sanders (1931-1958). Collected Papers. 8 vols. Cambridge: Harvard University Press (citações traduzidas pelo autor).

Resumo

Este trabalho analisa uma aparente limitação das produções multicódigos em termos de sua efetividade, tendo em vista o conceito de signo genuíno de Peirce. Observa-se, por um lado, o contínuo aperfeiçoamento de meios e processos de forma a ampliar a capacidade dos processos sígnicos, tanto no sentido de reproduzir qualidades, quanto no de estabelecer conexões existenciais com seus objetos, principalmente na esfera da Hipermídia. Contudo, Peirce defende que tais relações podem gerar semioses "degeneradas", e, daí, não constituírem o caminho mais adequado para que seus produtores consigam, efetivamente, atuar sobre hábitos mentais de seus receptores e, eventualmente, até alterá-los.

Palavras-chave

Multicódigos; Hipermídia; Semiótica.

Abstract

The aim of this paper is to analyze an apparent limitation of multicode productions in terms of its effectiveness, accordingly to Peirce's concept of genuine sign. We may observe the development of the media and their processes as a factor of enhancing sign capacities, not only for purposes of reproducing qualities, but also for establishing existential links with their objects, mainly in hypermedia area. However, Peirce considers that such relations may generate degenerate semiosis. So, they may consist an inappropriate way of acting upon someone's mental habits and, eventually, change them.

Key-words

Multicode languages; Hypermedia; Semiotics.